

CINEMATECA PORTUGUESA-MUSEU DO CINEMA
ANTE-ESTREIAS
29 de setembro de 2022

NEM PÁSSARO NEM PEIXE / 1978

um filme de Solveig Nordlund

Realização: Solveig Nordlund / **Diálogos:** Luiza Neto Jorge / **Direcção de Fotografia:** Acácio de Almeida / **Música:** Paulo Brandão / **Som:** Maria Paola Porru / **Interpretação:** Luís Miguel Cintra, Lia Gama, João Carlos, Francisca Menezes, Rui Mendes, Manuel Amado, Leonor Serrão de Moura, Osório Mateus, Prista Monteiro, Lindley Cintra, Clara, Márcia Breia, Zé Eduardo, Glicínia Quartín, Robert Kramer.

Produção: Grupo Zero / **Cópia:** beta digital, cor, versão original, 43 minutos / **Primeira Exibição:** Teatro do Bairro Alto, a 28 de Novembro de 1977 / **Inédito comercialmente.**

Nem Pássaro Nem Peixe é apresentado com **La Revolución (es) Probable**, Lee Douglas, Maria Ruido, Paula Barreiro López ("folha" distribuída em separado).

Nem Pássaro nem Peixe foi a estreia de Solveig Nordlund na realização. Estreia "a solo", bem entendido, visto que Solveig já havia colaborado em filmes colectivos do Grupo Zero, realizados nos anos imediatamente a seguir à revolução de Abril de 74. E tinha já uma experiência segura como montadora, não apenas nesse contexto (o seu primeiro trabalho creditado é nos **Brandos Costumes** de Alberto Seixas Santos).

Nem Pássaro nem Peixe não sobreviveu mal aos mais de quarenta anos que passaram desde a sua feitura. De certa maneira, dando de barato a existência de vários filmes portugueses "revolucionários" ("militantes" ou não) nesses eufóricos meados da década de 70, **Nem Pássaro nem Peixe** aparece-nos como uma curiosa hipótese de filme "pós-revolucionário". Quer dizer, um filme que corresponde já a um período de uma certa ressaca, em que os fervores se esgotaram e os equívocos se tomaram mais límpidos – um filme que instala uma distância entre si e a revolução, portanto. Entre uma coisa e outra (esgotamentos e equívocos) circula o filme, do monólogo de Robert Kramer (que cita a perca da "chave dos sonhos", chave essa que, materializando a metáfora, será vista mais do que uma vez ao longo do filme) no início e no fim, à cena no restaurante onde se faz um elogio maravilhado da vida na URSS

(discurso caricatural? Parece, pelo menos, tal a abundância da mais célebre interjeição – “pá!” – da época) perante o sorriso de condescendência e descrença da personagem de Luís Miguel Cintra. Esta personagem, um locutor de televisão, contribui para, numa das suas primeiras intervenções, aclarar o sentido do filme: o noticiário em que o texto que o locutor lê é uma espécie de proclamação do fim da revolução, com fundo de imagens (aparentemente) correspondentes aos seus períodos mais inflamados.

Se esse aspecto é muito curioso – e faz de **Nem Pássaro nem Peixe**, certamente, um dos primeiros filmes portugueses a lidar com o tema do fim das ilusões revolucionárias – não o é menos a prefiguração de certos elementos que, de modo mais ou menos pronunciado, viriam no futuro a visitar o cinema de Solveig Nordlund. Falamos, em concreto, daquela peculiar mistura entre um ambiente “fantástico” (o filme, diz o genérico final, é dedicado a Lovecraft), quando não mesmo de “ficção científica” (as referências aos “ovnis” numa outra locução da personagem de Cintra) – que ocuparia, muitos anos mais tarde, o primeiro plano de **Aparelho Voador a Baixa Altitude** – e uma atenção aos ritmos quotidianos da vida urbana, com a inscrição do filme numa Lisboa “real” (as cenas nas ruas, as cenas no trânsito), que seria a principal matéria de um filme como **Dina e Django**, e que cria um certo efeito de contradição com as cenas de interiores, muito mais “crispadas” e teatralizadas.

Por outro lado, é inevitável dizer que o filme, ao oferecer ao misterioso Randolph Carter a voz e (na cena final) o corpo de Robert Kramer, acabou, talvez sem que alguém pudesse estar muito consciente disso em 1977, por encontrar uma “imagem-símbolo” bastante certa para o que foi a passagem do cineasta americano por Portugal e pelo cinema português. Hoje, o filme de Solveig também é como uma pequena homenagem a Robert Kramer.

Luís Miguel Oliveira